

Image not found

<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/all/themes/business/logo.png>

Published on *Lirica Medievale Romanza* (<https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it>)

Home > DON DENIS > EDIZIONE > Amiga, faço-me maravilhada > Tradizione manoscritta

---

## Tradizione manoscritta

- letto 329 volte

## CANZONIERE B

- letto 297 volte

## Riproduzione fotografica

Image not found

[https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/B\\_573.jpg](https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/B_573.jpg)



- letto 254 volte

# Edizione diplomatica

Image not found

[https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr\\_11.jpg](https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr_11.jpg)

Amiga façome marauilhada.

Como pode meu amigo uiuer

Hu ]h[ os me(us) olh(os) no(n) pode(n) ueer

Ou como Podala fazer Tardada.

Ca nu(n)ca ta(n) gra(n) marauilha. ui

Poder meu. amigo uiuer se(n) mi

E par d(eu)s e cousa mui des guisada.

Amiga estadora calada.

Hu(n) po(n)co e leixa dami(n) dizer

P(er) quanteu. sey certe possente(n)der

Nu(n)ca no mu(n)do foy molher amada.

Come uos deuoss amigue assy

Se el tarda. sol no(n) e culpadi

Seno(n) eu q(ue)re(n) ficar p(or) culpada.

Ay amiga eu ando Ta(n) coytada.

Que. sol. no(n) posse(n) mi Tomar prazer

Cuyd.ande(n) comosse pode fazer

Que no(n) e ia comigo de Tornada.

E par d(eu)s p(or) q(ue) o no(n) ueia qui

Que e morto gra(n) sospeyta tomi

Esse morte mal dia eu fui nada.

Amiga. fremosa e mesurada.

No(n)u(os) digueu. q(ue) no(n) pode seer

Uossamigo Poys home de moirer

Mays. p(or) d(eu)s no(n) seyades sospeytada

Doutro mal del ca. desquandeu nacy

Nu(n)ca. doutrome ta(n) leal oy

Falar e q(uen) endal. diz no(n) diz nada.

- letto 237 volte

# Edizione diplomatico-interpretativa

|                                                                                                                                                                                                                                                                              |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                              | I                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Amiga façome marauilhada.<br>Como pode meu amigo uiuer<br>Hu ]h[ os me(us) olh(os) no(n) pode(n) ueer<br>Ou como Podala fazer Tardada.<br>Ca nu(n)ca ta(n) gra(n) marauilha. ui<br>Poder meu. amigo uiuer se(n) mi<br>E par d(eu)s e cousa mui des guisada.                  | - Amiga, faço-me maravilhada<br>como pode meu amigo viver<br>hu os meus olhos non pod'én veer,<br>ou como pod?ala fazer tardada,<br>ca nunca tan gran maravilha vi:<br>poder meu amigo viver sen mí;<br>e, par Deus, é cousa mui desguisada.                          |
|                                                                                                                                                                                                                                                                              | II                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Amiga estadora calada.<br>Hu(n) po(n)co e leixa dami(n) dizer<br>P(er) quanteu. sey certe possente(n)der<br>Nu(n)ca no mu(n)do foy molher amada.<br>Come uos deuoss amigue assy<br>Se el tarda. sol no(n) e culpadi<br>Seno(n) eu q(ue)re(n) ficar p(or) culpada.            | - Amiga, estad?ora calada<br>hun ponco e leixad?a min dizer:<br>per quant?eu sey cert?e poss?entender,<br>nunca no mundo foy molher amada<br>come vós de voss?amigu?, e assy,<br>se el tarda, sol non é culpadi;<br>se non, eu quer?én ficar por culpada.             |
|                                                                                                                                                                                                                                                                              | III                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Ay amiga eu ando Ta(n) coyhada.<br>Que. sol. no(n) posse(n) mi Tomar prazer<br>Cuyd.ande(n) comosse pode fazer<br>Que no(n) e ia comigo de Tornada.<br>E par d(eu)s p(or) q(ue) o no(n) ueia qui<br>Que e morto gra(n) sospeyta tomi<br>Esse morte mal dia eu fui nada.      | - Ay amiga, eu ando tan coyhada<br>que sol non poss?en mí tomar prazer<br>cuydand?en como sse pode fazer,<br>que non é ia comigo de tornada;<br>e, par Deus, porque o non vei?aqui,<br>que é morto gran sospeyta tom?i,<br>e, sse mort?é, mal dia eu fui nada!        |
|                                                                                                                                                                                                                                                                              | IV                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Amiga. fremosa e mesurada.<br>No(n)u(os) digueu. q(ue) no(n) pode seer<br>Uossamigo Poys home de moirer<br>Mays. p(or) d(eu)s no(n) seyades sospeytada<br>Doutro mal del ca. desquandeu nacy<br>Nu(n)ca. doutrome ta(n) leal oy<br>Falar e q(uen) endal. diz no(n) diz nada. | - Amiga fremosa e mesurada,<br>non vos digu?eu que non pode seer<br>voss?amigo, poys hom?é, de moirer;<br>mays, por Deus, non seyades sospeytada<br>d?outro mal del, ca, des quand?eu nacy,<br>nunca d?outr?ome tan leal oy<br>falar, e quen end?al diz non diz nada. |

- letto 285 volte

## CANZONIERE V

- letto 285 volte

# Riproduzione fotografica

Image not found

[https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/V\\_177.jpg](https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/V_177.jpg)



- letto 261 volte

# Edizione diplomatica

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <div>Image not found<br/><a href="https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr_1_15.jpg">https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr_1_15.jpg</a></div> <div>Image not found<br/><a href="https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr_2_13.jpg">https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/sites/default/files/lmr_2_13.jpg</a></div> | <p>Amiga fa çome marauilhada<br/>como pode meu amigo uiuer<br/>hu os me(us) olhos no(n) poden ueer<br/>ou como podala fazer tardada<br/>ca nunca tan gram marauilha ui<br/>poder meu amigo uiuer sen mi<br/>epar de(us) e cousa mui des guisada</p>                                 |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>Amiga estadora calada<br/>hun pouco eleixa dami(n) dizer<br/>per qua(n)teu sey certe possente(n) der<br/>nu(n)ca no mu(n)do foy molher amada<br/>come uos de uossamigue assy<br/>se el tarda sol no(n) e culpadi<br/>se no(n) eu q(ue)re(n) ficar p(or) culpada</p>              |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>Ay amiga eu ando ta(n) coytada<br/>q(ue) sol no(n) posse(n)mi tomar prazer<br/>cuydandeu comosse pode fazer<br/>q(ue) no(n) e ia comigo de tornada<br/>epar d(eu)s p(or) q(ue) o no(n) ueia qui<br/>q(ue) e morto g(ra)m sospeyta tom<br/>esse morte mal dia eu fuy nada</p>     |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           | <p>Amyga fremosa emesurada<br/>no(n) u(os) digueu q(ue) no(n) pode seer<br/>uossamigo pois home de morrer<br/>mays p(or) d(eu)s no(n) seiades sospeytada<br/>doutro mal del ca desqua(n)deu nacy<br/>nu(n)ca doutrome ta(n) leal oy<br/>falar e q(uen) endal diz no(n) diz nada</p> |

- letto 273 volte

# Edizione diplomatico-interpretativa

|                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                                       |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                        | I                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Amiga fa çome marauilhada<br>como pode meu amigo uiuer<br>hu os me(us) olhos no(n) poden ueer<br>ou como podala fazer tardada<br>ca nunca tan gram marauilha ui<br>poder meu amigo uiuer sen mi<br>epar de(us) e cousa mui des guisada                                 | - Amiga, faço-me maravilhada<br>como pode meu amigo viver<br>hu os meus olhos non pod'én veer,<br>ou como pod?ala fazer tardada,<br>ca nunca tan gram maravilha vi:<br>poder meu amigo viver sen mí;<br>e, par Deus, é cousa mui desguisada.                          |
|                                                                                                                                                                                                                                                                        | II                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Amiga estadora calada<br>hun pouco eleixa dami(n) dizer<br>per qua(n)teu sey certe possente(n) der<br>nu(n)ca no mu(n)do foy molher amada<br>come uos de uossamigue assy<br>se el tarda sol no(n) e culpadi<br>se no(n) eu q(ue)re(n) ficar p(or) culpada              | - Amiga, estad?ora calada<br>hun pouco e leixad?a min dizer:<br>per quant?eu sey cert?e poss?entender,<br>nunca no mundo foy molher amada<br>come vós de voss?amigu?, e assy,<br>se el tarda, sol non é culpadi;<br>se non, eu quer?én ficar por culpada.             |
|                                                                                                                                                                                                                                                                        | III                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Ay amiga eu ando ta(n) coyada<br>q(ue) sol no(n) posse(n)mi tomar prazer<br>cuydandeu comosse pode fazer<br>q(ue) no(n) e ia comigo de tornada<br>epar d(eu)s p(or) q(ue) o no(n) ueia qui<br>q(ue) e morto g(ra)m sospeyta tom<br>esse morte mal dia eu fuy nada      | - Ay amiga, eu ando tan coyada<br>que sol non poss?en mí tomar prazer<br>cuydand?eu como sse pode fazer,<br>que non é ia comigo de tornada;<br>e, par Deus, porque o non vei?aqui,<br>que é morto gram sospeyta tom,<br>e, sse mort?é, mal dia eu fuy nada!           |
|                                                                                                                                                                                                                                                                        | IV                                                                                                                                                                                                                                                                    |
| Amyga fremosa emesurada<br>no(n) u(os) digueu q(ue) no(n) pode seer<br>uossamigo pois home de morrer<br>mays p(or) d(eu)s no(n) seiades sospeytada<br>doutro mal del ca desqua(n)deu nacy<br>nu(n)ca doutrome ta(n) leal oy<br>falar e q(uen) endal diz no(n) diz nada | - Amyga fremosa e mesurada,<br>non vos digu?eu que non pode seer<br>voss?amigo, pois hom?é, de morrer;<br>mays, por Deus, non seiades sospeytada<br>d?outro mal del, ca, des quand?eu nacy,<br>nunca d?outr?ome tan leal oy<br>falar, e quen end?al diz non diz nada. |

- letto 311 volte

Credits | Contatti | © Sapienza Università di Roma - Piazzale Aldo Moro 5, 00185 Roma T (+39) 06 49911  
CF 80209930587 PI 02133771002

Source URL: <https://letteraturaeuropea.let.uniroma1.it/?q=laboratorio/tradizione-manoscritta-586>